

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

### **Infantil**

*O menino ia no mato  
e a onça comeu ele.*

*Depois o caminhão passou por  
dentro do corpo do menino  
e ele foi contar para a mãe.*

*A mãe disse:*

*“mas se a onça comeu você,  
como é que o caminhão  
passou por dentro de seu corpo?*

*-É que o caminhão só  
passou renteando o meu corpo  
e eu desviei depressa.*

*-Olha mãe, eu só queria inventar uma poesia.*

*Eu não preciso de fazer razão.<sup>1</sup>*

Assim como o menino de Manoel de Barros, percebi, ao longo do percurso, que posso falar da escola sem necessariamente estar implicada em seu dia-a-dia como profissional, bastando para isso assumir outra lógica: a do pesquisador que assume o lugar do poeta. À medida mesmo em que o texto ia sendo construído, foi se forjando uma nova identidade, que ao final assumo como eu. Hoje acredito ter encontrado o lugar do terceiro, aquele que escreve, o autor bakhtiniano que não dialoga diretamente com o herói, mas constrói o enredo onde se desenrola sua história. (Bakhtin, 1992b). Como autora, preciso agora prestar contas das intenções explicitadas no início da escrita, avaliando onde a história escapuliu às proposições, acontecendo em suas múltiplas dimensões – como compete a uma história que se preze e que nem sempre se permite capturar.

*“O que vocês fazem para que as crianças fiquem tão comportadas?” A*

pergunta que deu início a essa dissertação conduziu a algumas respostas, todas possíveis, todas não conclusivas. Abordar a discussão do amplo para o específico permitiu um entendimento do contexto no qual as práticas de autoridade se construíram.

Abordar a família como uma instituição inserida na história e sujeita às suas vicissitudes, me leva à necessidade de apontar que ela não foi ouvida em sua opinião sobre o tema em questão. Uma pesquisa complementar e, certamente rica, seria verificar, do ponto de vista dos pais, como vivenciam as questões que foram tratadas aqui, o que dizem sobre sua ação, de que maneira sofrem essa modernidade tardia nas funções parentais.

Inevitavelmente a escuta das famílias trará ainda outras questões: podemos tratar da educação de nossas crianças como projetos familiares individuais ou precisamos resgatar o que há de coletivo nessa ação? É justo culpabilizar as famílias, ao mesmo tempo em que elas não têm condições concretas de agir por uma ocupação cada vez maior e real do tempo em atividades profissionais ou de formação? A quem compete formar/educar as crianças? Todas são questões que devem ser respondidas com o tempo. Na verdade, viver uma época de transformações tantas e tão rápidas implica numa necessidade de buscar explicações diferentes daquelas a que estávamos habituados.

Paralelamente, considero importante ouvir as professoras sobre o excedente de funções que hoje lhe competem. O que pensam sobre as unhas compridas, independentemente das coordenadoras dizerem que devem somente ser registradas em agendas? Como percebem sua atuação em áreas antes restritas à esfera do privado? Elas têm consciência disso ou enxergam somente uma negligência familiar? Como resgatar nos profissionais de educação suas porções pai/mãe, necessariamente devedoras e, ao mesmo tempo negadas, de forma a encontrar uma crítica que permita uma real transformação. Esse é o desafio. O fato é que, de qualquer forma, crianças continuam a ser geradas e precisam de uma ação segura; o olhar atento do adulto é importante para permear essas relações identificando quando sua ação responsável se faz necessária.

---

<sup>1</sup>BARROS, Manoel de. **Tratado Geral das Grandezas do Ínfimo**. Rio de Janeiro: Record, 2001. p.29

Até que ponto o conflito família X escola mascara uma outra dimensão que sequer entra em questão nas atividades rotineiras? A quem compete a educação de nossas crianças: a família? A escola? Ao Estado? Ou a todas essas instâncias reunidas de uma maneira eficaz?

Precisamos escutar essas falas rapidamente, do contrário, podemos estar contribuindo para a formação de uma geração sem referenciais, que mais adiante terá como obrigação a formação das próximas crianças que virão. Nada melhor do que uma fala das crianças para encerrar a dissertação. Encerrar provisoriamente, é claro, pois o doutorado nos aguarda com muitas outras questões não aprofundadas aqui.

Pesquisadora: Quem manda na sua casa?

Layuni: Minha mãe.

Pesquisadora: E o seu pai?

Layuni: Não manda nada.

Pesquisadora: E na escola, quem manda?

Layuni: A professora

Lucca chamou minha atenção, voltei-me para ele.

Pesquisadora: E na sua casa, Lucca quem manda?

Lucca: Minha mãe e meu pai... Mas quem manda mesmo é minha avó.

Pesquisadora: E você, também manda alguma coisa?

Lucca: Eu mando o papai pegar comida. Quando eu faço bagunça a gente põe na cadeira. Eu quero a cadeira grande, eu quero uma roupa de polícia e aí, matei o bandido, eu matei o bandido.